

OS LIMITES DA SOLIDÃO E DO MEDO NOS ROMANCES DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Carlos d'Alge

Alves Redol, Manuel da Fonseca, Fernando Namora e José Cardoso Pires, são os nomes mais identificados, no Brasil, com o neo-realismo português. Sem dúvida, entre eles, o mais comprometido com essa forma de narrar foi Alves Redol. Entretanto, e mesmo porque, infelizmente, Alves Redol nos deixou, os seus companheiros, ao longo destes anos, sem romper com o inventário crítico da sociedade portuguesa, libertaram-se de certa standartização do romance neo-realista.

Nessa libertação e superação de modelos, e/ou estereótipos, situa-se a ficção de José Cardoso Pires, notadamente a partir de *O Hóspede de Job*, romance com que conquistou, em 1964, o Prêmio Camilo Castelo Branco. Nessa data até ao presente, José Cardoso Pires escreveu mais dois romances: *O Delfim*, de 1968, e *Balada da Praia dos Cães*, de 1983. Dedicou-se ainda à crônica e ao memorialismo em *E agora, José?* de 1977, à sátira política em *Dinossauro Excelentíssimo*, de 1972, e ao teatro em *Corpo-delito numa sala de Espelhos*, de 1980.

Mas é dos romances de José Cardoso Pires que desejamos falar um pouco. *O Hóspede de Job* é o que se poderia chamar de uma narrativa tecnicamente moderna, como bem notou Fernando Mendonça, pois consegue harmonizar (ou absorver) uma temática antiga num processo narrativo hodierno. (1)

1) Cf. Fernando Mendonça, em *O Romance Português Contemporâneo*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, São Paulo, 1966.

A essa técnica narrativa moderna corresponderia o novo romance. O que pretende o novo romance? O novo romance despreza as motivações psicologistas, de que o grupo literário português ligado à revista *Presença* foi, à época, o seu mais fiel intérprete, e um certo regionalismo que muito bem caracterizou o romance de cunho neo-realista.

Portanto, nem o psicologismo presencista, nem o regionalismo neo-realista. O novo romance opta pelo inventário do que se encontra no campo visual. Daí ter Alain Robbe-Grillet chamado a esse tipo de romance: *roman du degárd*, isto é, romance de visão, ou romance do olhar, como alguns críticos preferem escrever.

A partir de *O Hóspede de Job*, José Cardoso Pires compõe uma narrativa "coisificada", isto é, o que está em jogo é o novo processo narrativo cujo significado acaba por se instaurar na externalidade das coisas sob a visão do narrador. A propósito, penso agora na lagartixa que percorre os muros do largo deserto numa pequena vila da Gafeira, onde se desenrola a ação de *O Delfim*, e no lagarto Lizardo movendo-se no escritório do Chefe Elias, a tomar sol sob o olhar contemplativo e inquieto do policial, na *Balada da Praia dos Cães*.

Cardoso Pires chama ao seu *Hóspede de Job* uma história de proveito e exemplo. Uma fábula sobre um tempo "em que o Pão e a Inteligência são consentidos, não fomentados". Fábula muito próxima a nós, aqui no nordeste brasileiro, calcinado pela natureza e pelo egoísmo dos poderosos.

Outra peculiaridade a ressaltar no romance de Cardoso Pires é a sua sobriedade, escrito num processo estilístico que se constitui num excelente modelo para as novas gerações de escritores. A atualidade do discurso do autor de *O Delfim* reside no modo como escreve, privilegiando uma substantivação que o multiplicado objeto sob a visão do narrador oferece.

Quanto ao inventário crítico da sociedade portuguesa ele se desdobra em vários níveis, nos três romances. Da fábula que é o *Hóspede de Job*, à desintegração da aristocracia rural no *Delfim* e à análise política de recentes acontecimentos da história portuguesa, transformados em romance na *Balada da Praia dos Cães*.

Quem bem atentou para os conteúdos destes romances foi Liberto Cruz, organizador de uma seleção de textos de Cardoso Pires. Aponta o crítico português para estas seguin-

tes causas: "a falta de apoio social, a aristocracia do ensino, a insegurança do futuro, a tacanha concepção da disciplina militar, a estreiteza da vida pequeno-burguesa, o medo ancestral da coisa política, o respeito animal à autoridade, os obsoletos códigos de honra e moral, a falta de cultura e de informação dentre as camadas populares, a aceitação tranqüila e resignada da vida e das regras que a impõem e — por fim — a esperança jovem numa "semente que cresce oculta." (2) É curioso que também estas causas podem constituir-se no pano de fundo de certa realidade brasileira, defendida com tanto rigor pelos conservadores mais empedernidos da nossa sociedade.

O Delfim e a *Balada da Praia dos Cães* têm pontos comuns: sabe-se logo que as estórias (ou histórias?) giram em torno de alguns delitos. No *Delfim* percebe-se logo que a trama se situa em torno do Engenheiro Palma Bravo, da sua solitária mulher e do criado maneta. Teria havido um crime (ou crimes?) Não se sabe bem, o melhor é ler o romance de fio a pavio, e verificar o que aconteceu. O que importa é que o narrador descreve e o que está sob o seu olhar: os limites duma vila isolada, no tempo e no medo, a lagoa, os cães, o café, o Engenheiro derrotado pela solidão e pela impossibilidade de compreender as mudanças, defendendo um estatuto de senhor de baração e cutelo, prestes a desmoronar.

Na *Balada*, o narrador descreve a investigação procedida no dia 7 de maio de 1960 pela Polícia Judiciária de Lisboa, em torno de um cadáver encontrado na Praia dos Cães. Na parte final da narrativa, o autor reconstrói o crime ocorrido e do qual resultou a morte de um Major do Exército, preso político foragido. As personagens são resgatadas na história recente de Portugal, pois além de espectador, Cardoso Pires teve acesso aos arquivos da PIDE, após o 25 de abril, e também há personagens de invenção, até porque se trata de um romance.

Entre *O Delfim* e a *Balada* medeiam alguns anos. O primeiro foi escrito durante o longo período em que o fascismo oprimiu os corações e mentes da nova gente portuguesa. A *Balada* é recente. A partir de fatos concretos, como vimos, Cardoso Pires recompõe a trajetória do Major Dantas C. (na

2) Cf. Liberto Cruz, em **José Cardoso Pires**. Análise crítica e seleção de textos. Arcádia Editora Lisboa, 1972.

realidade, o capitão Almeida Campos), e dos seus companheiros de infortúnio político. A figura mais fascinante desta narrativa, todavia, não é a do Major nem a de sua amante Mena, nem dos seus camaradas de prisão. É a figura do agente da investigação, o Chefe Elias, uma espécie de Javert atual, que domina o romance, pelo que diz e, especialmente, pelo que não diz, no seu refúgio a contemplar o seu lagarto preferido.

Os romances de Cardoso Pires sugerem pois amplos significados. Nos romances do século passado, como nos de Camilo ou nos de Balzac, os objetos davam tranqüilidade aos seus donos. Um colete, por exemplo, representava um caráter e ao mesmo tempo uma posição social. O homem era a razão de todas as coisas.

Hoje ocorre uma mudança radical. As significações do mundo à nossa volta, e na nossa sala, a partir do aparelho de TV, são apenas parciais e provisórias. Daí porque o romance moderno, como o de Cardoso Pires, vá se constituir numa pesquisa a criar para si suas próprias significações.

Como escreveu Robbe-Grillet: "Cada uma de nossas ações reflete-se em si mesma e se carrega de perguntas. Sob o nosso olhar, o simples gesto que fazemos para estender a mão torna-se bizarro, sem jeito, as palavras que ouvimos ser por nós pronunciadas logo soam falsas. O tempo da nossa mente não é mais o dos relógios, e o estilo de um romance, por sua vez, não pode ser mais inocente." (3)

Cardoso Pires está de fato *no mundo*. O nosso tempo é um tempo incrivelmente doente. Tão doente que o criador da ciência do comportamento, o americano B. F. Skinner, já anuncia que o mundo está morrendo e nada se faz para salvá-lo. Como se não bastasse a amarga profecia de George Orwell, no seu *1984*, que, aliás, vem aí! O nosso tempo é um tempo de jogo e de medo. E esse tempo constitui a matéria fascinante dos romances de José Cardoso Pires. O medo e a solidão são o núcleo dessas histórias (histórias?) cuja ambiência rural e urbana começa a desintegrar-se. Alegoria e realidade de um tempo fatalmente condenado ao desastre?

Num dos mais belos romances escritos na década de 50, e há poucos anos traduzido no Brasil, *A Consciência de Zeno*, o seu autor, Italo Svevo, conclui assim a sua narrativa: "Um

3) Cf. Alain Robbe-Grillet, em *Pour un Nouveau Roman*. Les Editions de Minuit, Paris, 1963.

dia um homem, tal como os outros, porém um pouco mais doente colocará um explosivo de um poder ainda desconhecido no centro da terra. Uma formidável explosão que ninguém ouvirá — e a terra voltará ao estado de nebulosa, continuando o seu caminho através dos céus libertada da presença dos homens — sem parasitas nem doenças” (4)

O que Ítalo Svevo quer dizer é que na sociedade moderna nada mais é natural, e nem há motivo para nos preocuparmos. Podemos estar alegres, fazemos amor, realizamos negócios, e até escrevermos romances, mas nada disso continuará a ser feito sem que se pense no que está fazendo. É que perdemos, irremediavelmente, a inocência.

4) Cf. Ítalo Svevo, em **A Consciência de Zeno**. Círculo do Livro, São Paulo, 1981.